

# 1986 – O ANO DA MORTE DA LIBERDADE POLÍTICO-ECONÔMICA DE PORTUGAL: NOTAS CRÍTICAS EM TORNO DO ROMANCE *A JANGADA DE PEDRA*<sup>1</sup>

DANIEL VECCHIO ALVES

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO: As críticas de José Saramago registradas em suas obras literárias e em seus diários são muito claras quanto aos malefícios trazidos pelo processo político conservador reiniciado desde a contrarrevolução de 25 de novembro e que culminou na entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE), acarretando a manutenção do nível de pobreza de grande parte dos trabalhadores. Durante tantos anos convivendo com esse ressentimento crítico, advindo principalmente da dependência econômica que Portugal sofreu historicamente, sempre sob a «proteção» de um poder mais forte, Saramago fica cada vez mais convicto das críticas que tecera em seu romance de 1986. Quando o autor construiu *a jangada de pedra*, preferiu fazê-la navegar por águas atlânticas do que vê-la afundar diante das novas imposições dos bancos e centros financeiros franco-germânicos. Desse modo, Saramago oferece uma nova oportunidade aos ibéricos para repensar e escolher suas parcerias e identidades, reconstituindo as ideias e os valores de união dos indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago; ressentimento crítico; dominação econômica; União Europeia; representação.

1986 – L'ANY DE LA MORT DE LA LIBERTAT POLITICOECONÒMICA DE PORTUGAL:

NOTES CRÍTIQUES AL VOLTANT DE LA NOVEL·LA *A JANGADA DE PEDRA*

RESUM: Les crítiques que fa José Saramago a les seves obres literàries i als seus diaris són molt clares respecte als perjudicis que comporta el procés polític conservador reiniciat a Portugal a partir de la contrarrevolució del 25 de novembre i que va culminar amb l'entrada a la Comunitat Econòmica Europea (CEE) i amb la perpetuació del nivell de pobresa de gran part dels treballadors. En conviure al llarg dels anys amb aquest ressentiment crític, derivat principalment de la dependència econòmica que Portugal ha patit històricament, sempre sota la «protecció» d'un poder més fort, Saramago es mostra cada vegada més convençut de les crítiques que havia articular en la seva novel·la *A Jangada de Pedra*, del 1986. Quan va construir la *jangada de pedra*, l'autor va preferir fer-la navegar per aigües atlàntiques i no veure com s'enfonsava davant les noves imposicions dels bancs i centres financers francogermànics. D'aquesta manera, Saramago ofereix una nova oportunitat als ibèrics per

<sup>1</sup> Estudo apresentado no I Congresso Internacional José Saramago e o Transiberismo, organizado pela Cátedra José Saramago da Universidade Autònoma de Barcelona entre 9 e 12 de Março de 2022.

repensar i triar les seves aliances i identitats, i reconstituir les idees i els valors que uneixen els individus.

PARAULES CLAU: José Saramago; ressentiment crític; dominació econòmica; Unió Europea; representació.

1986 – THE DEATH YEAR OF THE PORTUGUESE POLITICAL-ECONOMIC FREEDOM:  
CRITICAL NOTES SURROUNDING THE ROMANCE *THE STONE RAFT*

ABSTRACT: José Saramago's criticisms in his literary works and in his diaries are very clear about the harm brought about by the conservative political process restarted since the counter-revolution of November 25th, which culminated in Portugal's entry into the European Economic Community (EEC), leading to the prolongation of the workers' poverty level. During so many years living with this critical resentment, arising mainly from the economic dependence that Portugal has historically suffered, always under the "protection" of a stronger power, Saramago became more and more convinced of the criticism he has drawn in his 1986 novel, *A Jangada de Pedra* (*The Stone Raft*). He then preferred to make the raft sail through Atlantic waters than see it sink in front of the new impositions of Franco-German banks and financial centers. In this way, Saramago offers a new opportunity for Iberians to rethink and choose their partnerships and identities, reconstituting the ideas and values that unite individuals.

KEYWORDS: José Saramago; critical resentment; economic domination; European Union; representation.

## 1. O RESENTIMENTO CRÍTICO DE JOSÉ SARAGAMO

Segundo Miguel Real (2021: 174), prepondera em muitas análises um «evidente otimismo histórico» associado aos romances de José Saramago da década de 1980 e um «fortíssimo pessimismo e ceticismo sociais» associados às suas obras ficcionais dos anos seguintes. No entanto, o mesmo estudioso português nos orienta a perceber as «coexistências» entre ambas as características, ou seja, ao invés de percebê-las nas respectivas décadas de produção literária de José Saramago (otimismo de 1980 *versus* pessimismo de 1990), o que Real nos incentiva a fazer no presente artigo é reconhecer, antes de tudo, as coexistências entre os elementos otimistas e céticos expressos em suas narrativas de ambas as fases, evidenciando curiosos cruzamentos, inclusive no romance *A Jangada de Pedra*, objeto principal deste estudo.

Confundido como pessimista principalmente após a publicação de *Ensaio sobre a Cegueira* em 1995, é preciso salientar que a esperança da transformação da sociedade no sentido de uma mais ampla e melhor justiça social nunca

deixou o pensamento e a ação de José Saramago, como alerta ainda Miguel Real (1974: 207): «de um modo global, o discurso literário de Saramago revela uma tentativa literária de instauração paradigmática de uma nova cultura e de uma nova sociedade e a afirmação de outra forma de organização do poder — [...] desde 1966, data do seu primeiro livro de poesia».

É o que também nos aponta o discurso de Saramago realizado em Estocolmo e os estatutos da própria Fundação José Saramago de 2007, demonstrando uma espécie de preocupação que engloba suas duas grandes reivindicações: a igualdade e a justiça social. Por outro lado, achamos demasiado redutível afirmar que, na fase de maturidade (décadas de 1960 a 1980), a adesão de Saramago ao marxismo bloqueia o ceticismo e permite o predomínio do sentimento de plena esperança na construção de uma sociedade socialista.

Em *História do Cerco de Lisboa* (1989), por exemplo, a denúncia do «Não», acrescentado em um livro de história pelo revisor Raimundo Silva, nos revela a própria negativa combativa do autor ao permanente poder opressivo do estrangeiro sobre o Portugal que ontem (século XII) era representado pelos cruzados e hoje pelas multinacionais. Além disso, paralelamente a essa negativa, é possível observar no romance *A Jangada de Pedra*, de 1986, ano em que Portugal e Espanha entram definitivamente para a CEE, um mais claro «ressentimento histórico pessoalmente assumido» (Saramago 2018: 287). Tal ressentimento pode ser explicado com as próprias palavras do escritor registradas, por exemplo, no *Último Caderno de Lanzarote*:

É nossa, refiro-me a Portugal, uma boa parte da responsabilidade dessa espécie de exílio nacional daquilo a que se resolveu chamar a «casa comum europeia», mas a autoflagelação que nos caracteriza não deve voltar ao esquecimento o desdém e a arrogância de que nos deram copiosas provas as potências europeias ao longo dos últimos quatro séculos (Saramago 2018: 287-288).

Ademais, seu ressentimento se mostra mais claro ainda na entrevista cedida na Espanha em 15 de março de 1995, na qual Saramago afirma que «A União Europeia nos dita o que devemos fazer em todos os níveis da vida. Caminhamos para a pior das mortes: a morte por falta de vontade, por abdicação. Essa renúncia é também a morte da cultura» (Aguilera 2010: 100-101). Dois anos após a publicação de *A Jangada de Pedra*, em 1988, Saramago publica «O (meu) iberismo», um artigo de periódico no qual o escritor diagnostica tal estágio de morte cultural, política e econômica em que espanhóis e portugueses se encontravam dian-

te da integração à Comunidade Económica Europeia, afirmando que «ser ibérico equivalia, ou equivale, a roçar perigosamente a traição» (Saramago 1998b: 32).

Em decorrência dessa situação político-económica de Portugal, Saramago declara a 20 de fevereiro de 1995, no terceiro diário dos *Cadernos de Lanzarote*, que nunca escondeu possuir certo «ressentimento histórico», principalmente ao rejeitar:

[...] a denominada «construção europeia» por aquilo que vejo estar a ser a constituição premeditada de um novo «sacro império germânico», com objectivos hegemónicos que só nos parecem diferentes dos do passado porque tiveram a habilitação de apresentar-se disfarçados sob roupagens de uma falsa consensualidade que finge ignorar as contradições subjacentes, as que constituem, queiramo-lo ou não, a trama em que se moveram e continuam a mover-se as raízes históricas das diversas nações da Europa. A União Europeia parece não querer compreender o que se está a passar na ex-União Soviética, nem sequer, apesar de tão à vista dos seus míopes olhos, nos Balcãs, para não falar do que irá passar-se amanhã em África, espaço já anunciado dos grandes conflitos do século XXI, se uma oportuna estratégia de hegemonias partilhadas não instaurar ali um colonialismo de novo tipo... (Saramago 1997: 487-488).

Nas palavras quase proféticas de Saramago quanto aos possíveis conflitos na zona da ex-União Soviética, a exemplo do que ocorre hoje na Ucrânia, temos também a antecipação crítica às futuras crises económicas que os países europeus periféricos sofreram e ainda sofrem no início deste século XXI. Trata-se daquilo que Saramago já salientava há décadas, especialmente a partir de *A Jangada de Pedra*, ao denunciar uma Europa capitalista e o desejo de uma união ibérica, juntamente aos povos atlânticos.

Nesse sentido, é bastante conhecida a vocação transibérica de Saramago, sob a qual defendia a união de seu país com a Espanha a partir de uma perspectiva plurinacional de coesão geográfica, económica e administrativa, e que prezasse pelo diálogo e pela relação direta e fraterna contraídos historicamente com a África e a América Latina:

Inventei para mim algo a que chamei transiberismo. Uma ideia que assenta no pressuposto seguinte: que existe na Península Ibérica uma vocação do Sul. Que sempre esteve latente mas que circunstâncias políticas, económicas, geoestratégicas abafaram (Saramago *apud* Aguilera 2010: 394).

Com base nesse debate, temos com a prosa literária de *A Jangada de Pedra* a concretização alegórica do posicionamento transibericista do autor, que se apresenta como alternativa à retórica política de justificação da adesão de Portugal e Espanha à CEE. Para melhor compreender a representação alegórica desse posicionamento crítico de Saramago, é preciso entender, antes, o passado histórico a partir da perspectiva do presente, problematizando a cultura e a identidade portuguesas de modo a salientar os principais desafios no processo de integração do país à União Europeia, o que merece ainda hoje o emprego de uma insistente reflexão, na medida em que muitos episódios recentes da economia ibérica parecem validar as críticas apresentadas por Saramago nesse polêmico romance.

Se para Teresa Cristina Cerdeira Silva (1999: 255-256) «Seria redutor ver tão somente no romance [*A Jangada de Pedra*] uma alegoria da recusa da adesão ibérica à União Europeia»; aqui, no entanto, consideraremos que seria um reducionismo muito maior não ler tal obra em perspectiva aprofundadamente política, visto que tal postura nos fornecerá uma mais consistente interpretação dos efeitos estéticos e ideológicos do romance em análise. É o que constataremos ao longo deste estudo.

## 2. A HISTÓRIA DO CERCO POLÍTICO-ECONÔMICO DE PORTUGAL: DOS CRUZADOS AO NEOLIBERALISMO FRANCO-GERMÂNICO DA UE

A antiga Comunidade Econômica Europeia (CEE), criada em 1957, foi resultado da Guerra Fria em um contexto em que dois sistemas políticos e econômicos se confrontavam no continente: o capitalismo e o socialismo. Tratou-se de uma organização inicialmente constituída por seis países que combatiam a economia planificada que na época existia no espaço de controle soviético. Assim, os fundadores da CEE «estavam, todos eles, desde o início, intimamente ligados com os interesses dos Estados Unidos da América e eram ideologicamente comprometidos com partidos políticos simpatizantes do desmembramento dos aparelhos de estado» (Henriques 2018: 96-97).

Nesse sentido, o político do PCP João Ferreira é assertivo desde o título de sua obra *A União Europeia não é a Europa*, em que ele diz: «Mesmo que todos os países da Europa integrassem a União Europeia, a União Europeia continuaria a não ser a Europa. A União Europeia não é a Europa por uma multiplicidade de razões, nelas se incluindo fatores de ordem política, econômica, social e cultural» (Ferreira 2019: 21). Portanto, ao promover políticas que

favorecem a acumulação de um pequeno grupo de empresários e acionistas, tal integração deixa de respeitar a soberania dos estados, não promovendo a tão divulgada convergência social e as relações mutuamente vantajosas entre os países.

Por isso, veremos que em *A Jangada de Pedra*, Saramago defende, sobretudo, outra integração europeia, «de uma integração ao serviço dos povos e não ao serviço do grande capital, de uma cooperação solidária entre estados soberanos» (Ferreira 2019: 22), visto que «as políticas seguidas no pós-guerra por muitos dos países capitalistas da Europa Ocidental, na base das quais se fizeram nacionalizações e se constituíram fortes sectores empresariais públicos, seriam hoje inviabilizadas pela legislação da UE» (Ferreira 2019: 22-23).

Por meio de tais políticas, a União Europeia acaba por não regular, mas sim «desregular a economia das nações, sendo um agente ativo, promotor, de uma globalização capitalista desenfreada, com as suas nefastas consequências sobre a vida dos trabalhadores e dos povos» (Ferreira 2019: 24). Por conseguinte, veremos que a tentativa de assimilar a União Europeia à Europa é um problema que fundamenta a crítica alegórica de *A Jangada de Pedra*, obra que adentra na batalha político-econômica em curso, em que se defende a legitimação da integração capitalista aos olhares dos povos europeus.

Em Portugal, as transformações sociopolíticas resultantes da Revolução do 25 de Abril, em que se defendia o poder dos trabalhadores, assim como a coletivização e nacionalização dos principais setores de desenvolvimento do país, mostravam na época um programa político-econômico incompatível com os interesses da CEE. Por isso, a contrarrevolução de 25 de Novembro colocou em causa as conquistas de Abril e cabe apontar que a adesão de Portugal à CEE, há trinta e três anos, foi um marco da efetivação desse processo contrarrevolucionário, contribuindo para fechar caminhos e opções que a Revolução dos Cravos abrira, visto que seu «discurso dominante, travejado de vantagens econômicas aos trabalhadores portugueses dentro e além das fronteiras nacionais, no entanto, não ocultava a consolidação do velho projeto mental» (Secco 2004: 198).

Na análise de Lincoln Secco, a entrada de Portugal na União Europeia, símbolo maior da derrocada revolucionária, «coloca um termo em qualquer sonho de autonomia monetária, financeira, econômica e, quiçá, cultural e política. Nada de nova união com os países africanos ou com o Brasil em bases solidárias (atlânticas), como pensou Vasco Gonçalves» (Secco 2004: 202). Como consequência dessa adesão, ressalta-se que a União Europeia promoveu uma política econômica monopolista, com base na privatização dos setores estraté-

gicos dos países europeus periféricos [como Portugal], hoje nas mãos do capital estrangeiro. Em tal contexto, acrescenta João Ferreira,

O Estado, com as privatizações, perdeu os lucros, perdeu em grande medida os impostos (com o planeamento e a criatividade fiscal das empresas alienadas), perdeu valiosos patrimônios e perdeu alavancas de comando da economia nacional. Além disso, o país perdeu o investimento e a inovação, que, apesar de frequentemente mal geridas, as empresas públicas asseguravam (Ferreira 2019: 28-29).

Sendo assim, não seria atrevido dizer que o fato de hoje Portugal estar integrado na UE se justifica principalmente a partir do medo que as elites, incluindo as internacionais, sentiram pela situação política provocada pelo 25 de Abril. Toda essa conjuntura é percebida por José Saramago, que a analisa em muitas entrevistas, artigos de jornais e mesmo em seus diários, como mostramos desde o começo. Em entrevista a Carlos Reis, por exemplo, Saramago se refere «A ideia de uma Europa que nos iria levar ao colo e que iria desenvolver todos os nossos problemas — porque foi assim que ela foi apresentada de maneira bastante grosseira até — conduziu a quê? Conduziu-nos ao prolongamento da situação anterior, num quadro diferente» (Reis 1998: 147).

Assim nos mostra um dos recortes jornalísticos feitos por Saramago e que consta no material preparatório de *A Jangada de Pedra* localizado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP Esp. N45/223-237). O recorte do artigo jornalístico de 1985, intitulado «A Europa em números» (sem dia de publicação e nome do jornal identificado), nos aponta que Portugal e Grécia são os países europeus que mais apresentavam desequilíbrio em suas balanças comerciais na época, exportando bem menos do que importavam. Trata-se de dois dos países que mais sofreram e ainda sofrem economicamente com as políticas da UE.

Quando entrevistado por Carlos Reis, a propósito da relação Portugal-Europa, Saramago toca em um ponto que julgamos essencial para a compreensão do tratamento que o escritor dá ao recorte jornalístico de seu espólio e, consequentemente, à representação das negociações e relações internacionais em *A Jangada de Pedra*. Ele diz: «Não, não desejaria que se mantivesse a nossa dependência estrutural, sendo Portugal um país débil, com uma economia débil, pouco importante ou nada importante no concerto geral das nações: esse foi sempre, a partir do século XVII ou XVIII, o nosso lugar e iria continuar assim» (Reis 1998: 63).

Na observação desse quadro histórico-econômico, Saramago não tinha dúvidas quanto à possível crescente dependência econômica de Portugal no âmbito da integração capitalista europeia, sobrevivendo, a partir disso, uma crescente subordinação política. Sobre essa perspectiva, convocamos novamente as esclarecedoras críticas de João Ferreira:

Não foi um mercado de 300 milhões de consumidores, primeiro, e de 500 milhões, depois, que se abriu à produção nacional. Foi a produção nacional, foi um pequeno mercado de 10 milhões, que foram tomados pelas transnacionais e por estas potências. Destruição de sectores industriais, que foram alienados ou não aguentaram o embate de uma concorrência desprotegida. Abandono de centenas de milhar de hectares de cultivos e pastagens. Destruição de mais de metade da frota pesqueira. Desemprego e precariedade. Assimetrias regionais e abandono do interior. Dependência alimentar e tecnológica. Insustentável endividamento externo. Eis a crua realidade que confronta as promessas e as ilusões vendidas (Ferreira 2019: 30-31).

Apesar do abalo da União Soviética, Saramago, ao contrário de muitos outros intelectuais da época, não se reposicionou no espectro político e também não participou no otimismo preponderante relativamente à Europa da década de 1980. Referiu-se a este momento histórico como «um grande engano, que é qualquer coisa que nos vai custar muito caro» (Saramago *apud* Reis 1998: 146) e reafirmou ao longo da sua vida opiniões contundentes quanto ao rumo político e ético da União Europeia, como veremos a partir do tópico seguinte.

### 3. A CRÍTICA À UE EM *A JANGADA DE PEDRA* SOB O EFEITO LITERÁRIO DA DISSIMULAÇÃO MIDIÁTICA

No seu último diário, no dia 22 de setembro de 1998, Saramago anota o seguinte comentário na conferência «Descubramo-nos uns aos outros», pronunciada no Congresso Ibero-Americano de Filosofia, em Cáceres: «o romance intitulado *A Jangada de Pedra*, se não deu a volta ao mundo, conseguiu perturbar algumas mentes europeias, excessivamente suscetíveis, que pretenderam ver nele, para além da ficção que é, um documento de protesto e de rejeição contra a Europa comunitária. [...]. A alegoria é absolutamente transparente» (Saramago 2018: 286).



Em sua não tão lúcida transparência, *A Jangada de Pedra* começa a partir de um acontecimento insólito: uma misteriosa fratura geológica nos Pireneus provoca o deslocamento da Península Ibérica que passa a realizar uma inesperada viagem, colocando em evidência as fragilidades dos seus antigos laços com a Europa. Nesse processo de viagem, deixa-se entrever a vontade de uma nova ordem mundial e a crítica à então Comunidade Econômica Europeia (CEE), que servia apenas aos interesses da expansão capitalista e neoliberal.

A fenda geológica nos apresenta dois sentidos que despontam: o primeiro, e mais aparente, está no plano da diegese, ou seja, o desprendimento da península do continente europeu; o segundo encontra-se no plano do discurso, realizando-se no presente vivido e instituído, com os seus estereótipos e determinações, ampliando assim as possibilidades semânticas dos sentidos do texto. Por outras palavras, trata-se da duplicidade, característica inerente a todo texto alegórico (Hansen 2006), que nesse romance representa tanto o deslocamento físico quanto o deslocamento imaterial da península, este que já existia há muito mais tempo, como é possível perceber na narrativa.

Cabe ressaltar que, dentre as 12 *Conferências da Reforma Agrária* do PCP, foi justamente a conferência de 1986, ano da integração europeia e da publicação do romance, que sinalizou uma intensa cooptação dos meios de comunicação por parte dos integrantes conservadores da política portuguesa: «O mesmo Governo que, para dar cobertura e conseguir executar esta política anticonstitucional, havia lançado uma onda de desinformação através da TV, das rádios e de outros órgãos de comunicação social, enquanto no terreno [lançava] uma vaga de repressão na qual utilizou e comprometeu a GNR» (APA 2015: 290).

Paralelamente a esses fatores contextuais do romance, desde as primeiras páginas de *A Jangada de Pedra*, enquanto a mídia se concentra no aumento da fenda nos Pireneus, os motivos reais da entrada de Portugal na CEE são criminosamente omitidos: «Mal desembarcaram, os jornalistas vão indagar como foi que isto se deu, e recolhem todos a mesma história, com algumas elaboradas variantes, que a sua própria imaginação ainda mais irá enriquecer» (Saramago 1998: 25). Ou ainda: «os locutores da televisão, nervosos, liam o último comunicado e davam as suas próprias opiniões, enaltecendo a luta titânica» (1998: 27).

Em uma das passagens, o próprio aparelho televisivo é descrito pelo narrador como máquina manipuladora e teatral ao invés de ferramenta informativa:

[...] o episódio só foi de facto impressionante para quem lá esteve, os outros assistiram de longe, em casa, no teatro doméstico que é a televisão, no pequeno recângulo de vidro, esse pátio dos milagres onde uma imagem varre a anterior sem deixar vestígios, tudo em escala reduzida, mesmo as emoções. E aqueles espectadores sensíveis, que ainda os há, aqueles que por um nada se põem a lacrimar e a disfarçar o nó da garganta, esses fizeram o de costume quando não se pode aguentar mais, diante da fome em África e outras calamidades, desviaram os olhos (Saramago 1998: 35).

Roque Lozano, um dos personagens desse romance, não acredita no que é transmitido pelas rádios e televisões: «Não me fio na televisão, enquanto não vir com os meus próprios olhos, estes que a terra há-de comer, não me fio, responde Roque Lozano sem desmontar, Então que vai fazer, Deixei a família a tratar da vida e vou ver se é verdade, Com os seus olhos que a terra há-de comer» (Saramago 1998: 67). Mas, como era de se esperar, a maioria dos espectadores dos noticiários continuaram seguindo os informativos, que cada vez mais ia intensificando suas dissimulações e seus sensacionalismos:

Os rádios e as televisões estão a funcionar nas vinte e quatro horas do dia, já não há noticiários a horas certas, interrompe-se o programa a cada momento para ler o último boletim, e as informações sucedem-se, estamos a trezentos e cinquenta quilómetros de distância, estamos a trezentos e vinte e sete (Saramago 1998: 228).

Espécie de antecipação da cegueira branca, em *A Jangada de Pedra*, as intervenções informativas sobre a fenda tomam o espaço completo dos meios de comunicação, cegando a população para as questões mais importantes do cotidiano do país. Diante desse obscuro e conturbado contexto radiofônico e televisivo do jornalismo português, é que se revela o discurso diegético noticioso e interrupto da obra literária. Nesse quadro ficcionalmente crítico, ninguém entendia ao certo as notícias que estavam a transmitir:

[...] no ecrã via-se um helicóptero que estava a ser filmado doutro helicóptero, ambos entrando pelo assustador canal, e, mostravam as paredes altíssimas, tão altas que mal o céu se via lá em cima, [...]. Estas dramáticas imagens, recitava o locutor, tomadas com autêntico risco de vida, a voz tornou-se pastosa, engrolada, os dois helicópteros transformaram-se em quatro, fantasmas de fantasmas, Maldita antena, resmungou o dono do restaurante (Saramago 1998: 54).

[...] o rádio, agora, inexplicavelmente, também deixou de funcionar, não se ouviu mais do que um zumbido, a onda de sustentação, se ainda as há, que não transporta mais que um silêncio, como se para além deste círculo de água coalhada o mundo se tivesse calado, para assistir, de invisível maneira, à inquietação crescente do navegador, à loucura, talvez à morte no mar (Saramago 1998: 219).

Enquanto os meios de comunicação, pelos quais a maioria da população se mantinha informada, se focam na emissão de notícias sobre o chocante desprendimento geológico e suas possíveis causas insólitas, Portugal assina acordos com a CEE, iniciando um desvantajoso processo de desnacionalização de sua economia: «por cada segundo são dois centímetros e picos, comentou José Anaiço rápido em cálculo mental, não pôde chegar às décimas e centésimas, Joaquim Sassa pedia-lhe que se calasse, queria ouvir o locutor, e valia a pena» (Saramago 1998: 45). A omissão sobre a atualidade política e econômica do país gerou, no romance, uma impactante falta de lucidez por parte da população: «A potência imaginativa dos jornalistas encontrou vazão quase exclusiva na armação estentórea dos títulos, porquanto os segredos da deslocação geológica, melhor dizendo, o enigma tectônico, continuavam por desvendar, tão indecifráveis [desde o] primeiro dia» (Saramago 1998: 284).

Pelos meios de comunicação, a fala das autoridades mantém um ponto comum ao discurso midiático, na medida que também nela há certa dose de omissão e perversidade. O tom oficial e a seriedade da enunciação asseguram ao discurso vindo do rádio e da televisão a força suficiente para simular o controle da situação. Assim temos, por exemplo, a reprodução da fala do primeiro-ministro português, repleta de orações estereotipadas e de uma retórica nacionalista como reflexo da ideologia salazarista:

[...] os governos de salvação nacional são também muito bons, pode-se dizer que são os melhores que há, lástima é que as pátrias só de longe em longe precisem deles, por isso não temos, habitualmente, governos que nacionalmente saibam governar (Saramago 1998: 201).

O narrador duvida da competência da equipe administrativa e, embora essa crítica se dê no plano da ficção, fica evidente que «Saramago alude a importantes acontecimentos que fizeram parte da história portuguesa recente e consegue incorporá-los à narrativa» (Pascoli 2004: 58). Com efeito, a narrativa de *A Jangada de Pedra* parece referir-se cada vez mais diretamente a essa ques-

tão da integração de Portugal na comunidade europeia, principalmente na passagem em que ocorre uma reunião da Comunidade Econômica para discutir como ficariam os acordos tratados anteriormente; já que a Península Ibérica se afastava fisicamente da Europa.

O narrador da obra observa que alguns países membros chegaram a manifestar certo «desprendimento» durante o debate sobre a manutenção dos acordos em vigor e chegaram a insinuar que: «se a Península Ibérica se queria ir embora, então que fosse, o erro foi tê-la deixado entrar» (Saramago 1998: 60-61). Com essa e outras passagens anteriormente citadas, torna-se óbvia a crítica de Saramago à crença disseminada em Portugal a respeito dos benefícios que iriam supostamente advir dessa integração europeia:

A visão do escritor corresponde à quebra das expectativas de que Portugal poderia ser aceito na CEE como membro participativo e operante, recebendo os mesmos benefícios que os componentes mais fortes e mais antigos. Uma série de entraves durante o processo de adesão e os acordos favorecendo sempre e muito mais as economias ricas mostraram que o tratado de adesão não se firmava em bases sólidas (Pascoli 2004: 60-61).

Essa intervenção política é tão lamentável «quanto é sabido que em cada hora que passa nos afastamos setecentos e cinquenta metros do que são agora as costas ocidentais da Europa, sendo que os governos europeus, [...], vêm agora intimar-nos a fazer o que no fundo não desejam [...] que apenas nos deixaremos guiar pelo interesse nacional» (Saramago 1998: 161). A NÃO resolução desse conflito peninsular com a entrada de Portugal à CEE apresenta-se ao longo de toda a narrativa como um desígnio a ser decifrado, um problema tanto econômico quanto identitário pautado por enigmas, como explicita o narrador: «não bastavam os quatro enigmas já falados, este nos demonstra que, ao menos uma vez, o conteúdo pôde ser maior que o continente» (Saramago 1998: 16).

Por conseguinte, o insólito surge em *A Jangada de Pedra* como manifestação da desorientação social das personagens: «A desorientação é total, começou Joaquim Sassa, e se se agarram tanto a nós é por não terem mais nada, quer dizer, agora até começam a ter de mais, se calhar por causa das notícias da televisão, [...] os periquitos domésticos fazem ruídos estranhos, Acontece sempre assim, a notícia produz notícia» (Saramago 1998: 121). As personagens são títeres habilmente manipulados não só pelas notícias, mas também pelo

narrador, que simula, por sua vez, a independência desses seres ou suas capacidades de viverem por si mesmos, «dotadas de uma percepção mágica, contrária à lógica habitual do mundo ou à racionalidade, porque alimentada por esquemas pré-lógicos de pensamento e por uma sabedoria primitiva aliada ao acaso natural do mundo em sua cosmologia própria» (Penha 2007: 53-54).

Por isso, além de ser possível tomarmos o insólito da obra como desorientação ou alienação social, outra noção pode vir à tona, tomando o insólito como passagem primeva de construção de uma nova identidade. Sendo assim, as personagens desse romance são pessoas que, apesar de não entender a dissimulação dos meios de comunicação, se distanciam dos seres comuns por suas habilidades especiais, como é o caso de Joana Carda, que observa: «Se fui a Lisboa procurá-los, não terá sido tanto por causa dos insólitos a que estão ligados, mas porque os vi como pessoas separadas da lógica aparente do mundo, e assim precisamente me sinto eu» (Saramago 1998: 139).

Paralelamente à dissimulação midiática, os casos insólitos particulares de cada personagem que protagoniza o romance iniciam, assim, um processo de construção de uma nova identidade ibérica: «Funcionando como uma microcoletividade, de regras próprias, o grupo e o seu *modus operandi* sugere a alternativa à desumanidade capitalista e dá expressão ao comunismo saramaguiano: um outro mundo, regido pelo amor, pela afetividade e pela partilha do trabalho e dos bens materiais» (Henriques 2018: 103). As personagens passam a mover-se pela península por intuição, abandonando o princípio da razão. O que Saramago oferece, com isso, é uma alternativa à sociedade neoliberal atual, colocando em causa «o questionamento do tipo de transformação que queremos, sendo o enredo de *A Jangada de Pedra* uma proposta de futuro com base no que a península tem de melhor e que recusa modelos impostos que trazem o empobrecimento daquilo que somos» (Henriques 2018: 104).

O fato de Saramago, em *A Jangada de Pedra*, dar oportunidade aos ibéricos de escolher suas parcerias e identidades, de certa forma «resgata um sentido de humanidade perdido em meio às inúmeras etapas do desenvolvimento das atuais economias e reconstitui valores de união dos indivíduos» (Pascoli 2004: 65). Isso nos esclarece que a questão política principal assinalada por Saramago nesse romance é aquilo que disse em seu quinto diário dos *Cadernos de Lanzarote*:

[...] o respeito pelas nações e a dignificação de todas as minorias étnicas, [...] reconhecendo em cada povo a sua capacidade própria de alargar as suas potenciali-

dades criativas, naturalmente em diálogo com os outros povos, mas sem sujeições de qualquer espécie (Saramago 1997: 487-488).

#### 4. A JANGADA CONTINUA: A CRÍTICA À UNIÃO EUROPEIA NOS *CADERNOS DE LANZAROTE*

Após a publicação de *A Jangada de Pedra*, em 1986, Saramago persistiu coerentemente em seu ponto de vista crítico sobre a integração de Portugal à CEE, continuando a analisar as conjunturas dessa integração econômica ao longo de toda a década de 1990, principalmente a partir dos seus seis diários pessoais publicados em *Cadernos de Lanzarote*. No primeiro diário, mais especificamente em 22 de junho de 1993, o escritor desabafa ao escrever que «A Europa, estimulada a viver na irresponsabilidade, é um comboio disparado, sem freios, onde uns passageiros se divertem e os restantes sonham com isso» (Saramago 1997: 65).

Nessa viagem à deriva, descontrolada jangada de pedra em mar tempestuoso, Saramago não tinha dúvidas em relação à dominação norte-americana que se desenhava sobre o continente europeu. No seu segundo diário, em 13 de julho de 1994, Saramago faz a seguinte análise:

Clinton visita oficialmente a Alemanha. Segundo os jornais, o presidente dos Estados Unidos declarou em Bona: «A Alemanha é o nosso parceiro mais significativo para a construção de uma Europa segura e democrática». Se sou capaz de entender o que leio, deduzo destas palavras que a administração norte-americana tem uma ideia muito clara do que lhe convém que seja a Europa: um todo conduzido por um só país, uma União cuja sede real, a seu tempo, será em Berlim, ficando Bruxelas para a burocracia e Estrasburgo para o entretenimento verbal (Saramago 1997: 326-327).

Com o tempo constatou-se muitas das suas análises, tendo em vista principalmente o aprofundar das crises dos países mais periféricos da Europa, como Portugal e Grécia, e o alavancar contínuo das instituições franco-germânicas. Por entre essas e outras conjunturas político-econômicas, no segundo diário, Saramago revela a necessidade ainda de colocar para navegar sua jangada fraternal e soberanamente rumo aos mares do sul. Em 30 de novembro de 1994, o nosso diarista registra:

E se, cinco séculos depois, um discreto escritor português se atreveu a romper as amarras que nos prendem ao cais europeu, foi ainda para tentar persuadir a Europa, e em primeiro lugar a portugueses e espanhóis, de que já é tempo de olhar para o Sul, de respeitar o Sul, de pensar no Sul, de trabalhar com o Sul, e de que a possibilidade de um efectivo papel histórico dos povos da Península Ibérica no futuro depende da sua compreensão de que são, de um lado e do outro da fronteira, continentais, sim, mas também atlânticos (Saramago 1997: 415-416).

Durante tantos anos a remoer esse ressentimento crítico, proveniente dessa dependência econômica em que Portugal viveu historicamente, sempre sob a proteção de um poder mais forte, Saramago fica cada vez mais convicto do que escrevera em seu romance de 1986. Trata-se, também, de uma análise dotada de coerência histórica, visto que, durante séculos, esse poder foi da Inglaterra, depois, na sequência da Segunda Guerra Mundial, passou a ser dos Estados Unidos da América do Norte, agora é da União Europeia e, enfim, amanhã será da Alemanha, como o escritor nos dava a entender.

Vejamos o que escreve Saramago, em 20 de dezembro de 1994, no seu segundo diário, ao discorrer mais diretamente sobre esse balanço histórico de dominação sofrido por Portugal ao longo de séculos:

Ao longo de quatro séculos vivemos o que poderia denominar-se a expressão endêmica duma subalternidade estrutural, atravessada por surtos agudos de intervenção estrangeira directa, como foi o caso do pró-consulado de Wiliam Beresford, o general inglês que foi para Portugal em 1809, com a missão de reorganizar o exército desmantelado em consequência da primeira invasão napoleônica, e que no país se manteve até 1820, exercendo um poder [...] ditatorial (Saramago 1997: 429-430).

Hoje vivemos ainda o domínio norte-americano, a ser disputado economicamente com a China, mas também há a probabilidade de uma situação favorável à Alemanha nessa nova Europa. Em 21 de fevereiro de 1995, agora em seu terceiro diário, Saramago dispara: «a União Europeia, como tenho dito, é a versão moderna do velho jogo das hegemonias, só na aparência diluídas de modo a dar a cada país pequeno a ilusão de ser parte importante no conjunto» (Saramago 1997: 488). Em 5 de setembro desse mesmo ano, Saramago acrescenta: «Que a Alemanha se tenha tornado, por assim dizer, em candidato “natural” a essa hegemonia, é algo tão flagrante que parece já

ter adquirido um estatuto de fatalidade inelutável; [...] — tudo isto é mais um episódio do velho jogo chamado “quem-manda-na-Europa” (Saramago 1997: 587-588).

Nessa mesma esteira crítica, em 12 de julho de 1996, no quarto diário, Saramago afirma o seguinte a respeito do euro enquanto moeda em circulação: «A moeda tem que vir depois duma forma de unidade política, nunca precedê-la» (Saramago 1999: 172). Já em 15 de janeiro de 1998, Saramago registra em tom de desabafo mais uma vez: «Que o Fundo Monetário Internacional mete o nariz nas nossas contas, que a União Europeia nos governa sem que alguma vez nos tivesse perguntado se estávamos de acordo» (Saramago 2018: 31-32). Com tais manifestações, encontramos um Saramago cada vez mais ressentido com a falta de ética nas atuais relações político-econômicas traçadas em Portugal e no mundo, desrespeitando as populações e suas respectivas soberanias.

Cabe pontuar ainda que, em 30 de agosto de 1998, no último diário, Saramago deixa esse ponto crítico bastante claro aos seus leitores:

Contra todas as aparências, a questão central do nosso tempo não é tanto a globalização da economia, mas a perda de um sentido ético da existência. [...] A mesma Europa que gastou séculos e séculos para conseguir formar cidadãos, só precisou de vinte anos para transformá-los em clientes. Sócrates tornaria a pedir o vaso de cicuta... [...]. A cultura «europeia» não existe como tal. E se alguma vez vier a existir, temo que não seja «europeia» no sentido de uma síntese mais ou menos lograda das suas diversas culturas nacionais, mas sim o resultado do predomínio de uma dessas culturas sobre as outras. A globalização, seja ela mundial ou apenas europeia, é um totalitarismo (Saramago 2018: 207-208).

Tais análises sombrias e realistas que Saramago tece em seus diários, oposto das mídias dissimuladoras de *A Jangada de Pedra*, ganham cada vez mais significado ao ser consolidada uma «Europa eurocêntrica em relação a si própria: [...] —, [enquanto] o resto do continente continua a ser algo mais ou menos vago e difuso — um tanto exótico, um tanto pitoresco, merecedor, quando muito, do interesse de antropólogos e arqueólogos» (Saramago 2018: 289-290). Diante disso, Saramago acrescenta que «não haverá uma Europa nova enquanto não forem abolidos os egoísmos nacionais e regionais, reflexos defensivos de um suposto predomínio ou subordinação de uma cultura sobre as outras» (Saramago 2018: 290).



No que dependesse de José Saramago, sua jangada estaria sempre à vista daqueles que desejam reparar este quadro maléfico que envolveu e ainda envolve Portugal e toda Europa. Tanto com a leitura de seus diários quanto com a leitura de *A Jangada de Pedra* fica evidente que «por entre os escombros dos regimes desmoronados ou em vias de desmoronamento — socialismos pervertidos e capitalismo perversos — começam a esboçar-se os conflitos de sempre, [...] renovados pela lógica de ferro da interdependência econômica e da globalização da informação» (Saramago 2018: 298).

Se Saramago acreditava na existência de uma identidade cultural ibérica que a diferenciava claramente desse quadro europeu, essa identidade não anulava a sua diversidade, ao contrário, poderia lhe conferir uma coesão, «uma identidade cultural que perpassa essa diversidade, especialmente quando comparamos o que é ibérico com o restante da Europa» (Aguilera 2010: 393). Na previsão do escritor, a reconsideração dos laços culturais, políticos e econômicos de Portugal não é algo que ocorrerá brevemente, tendo em vista, inclusive, a forte presença da UE na administração do país, mas trata-se por ser algo inevitável, uma «fatalidade», dizia ele: «E não venham os nossos políticos dizer: “Espanha nunca”, porque caem em contradição. Não se pode dizer sim à Europa e não à Espanha com coerência» (Aguilera 2010: 393).

## FINANCIAMENTO

Esta publicação realizou-se no marco da pesquisa pós-doutoral intitulada «Narratologia e método indiciário nas ficções históricas de José Saramago» e financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado de Rio de Janeiro (FAPERJ).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, F. (2010). *As palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras.
- APA (Associação Povo Alentejano) (2015). *As 12 Conferências da Reforma Agrária: um testemunho da Revolução de Abril*. Lisboa: Página a Página.
- FERREIRA, J. (2019). *A União Europeia não é a Europa: Portugal e a integração europeia*. Lisboa: Edições Avante!
- HANSEN, J. A. (2006). *A alegoria: construção e interpretação da metáfora*. Campinas: Editora Unicamp.

- HENRIQUES, A. C. (2018). «A jangada de pedra como personagem: da consciência de si à construção de um modelo alternativo à sociedade capitalista». *Santa Barbara Portuguese Studies*, 5, 94-107 [on line] [15 maio 2023]. <[https://sbps.spanport.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/volume/Vol\\_5/Henriques.pdf](https://sbps.spanport.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/volume/Vol_5/Henriques.pdf)>
- PASCOLI, M. C. (2004). «A jangada de pedra: uma mensagem político-ideológica». *Revista do CESP*, v. 24, n. 33, 55-67.
- PENHA, G. M. L. B. (2007). *A jangada de pedra: uma viagem alegórica à poética de José Saramago*. São Paulo: Editora UNESP.
- REAL, M. (2021). *Pessoa & Saramago*. Lisboa: Dom Quixote.
- REIS, C. (1998). *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, J. (1997). *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARAMAGO, J. (1998). *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Record.
- SARAMAGO, J. (1998b). «O (meu) iberismo». *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, VIII, 330, 32.
- SARAMAGO, J. (1999). *Cadernos de Lanzarote II*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARAMAGO, J. (2018). *Último Caderno de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SECCO, L. (2004). *A Revolução dos Cravos e a crise do Império Colonial Português*. São Paulo: Alameda Editorial.
- SILVA, T. C. C. (1999). «Do labirinto textual ou da escrita como lugar de memória». *Colóquio / Letras*, 151-152, 249-266.



Copyright © Daniel Vecchio Alves, 2023. This document is under a Creative Commons Attribution-Non commercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To see a copy of this license click here <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/legalcode>.